

Minas e campos minados

Ten. Cel. LIMA FIGUEIREDO

As minas e os campos minados não são novidades desta guerra, já o foram empregados na grande conflagração mundial de 1914 a 1918. As destruições por meio de minas foram consideradas tão importantes que as obras d'arte deviam possuir, desde o tempo de paz, dispositivos permanentes para receberem a carga na ocasião oportuna, determinada em função do desenrolar das operações.

Na gigantésca guerra passada, assim como na russo-japonesa do início do século, foram mais empregadas as minas subterrâneas do que as de superfície como sucede agora. Dada a estabilização das frentes, os sapadores construíam galerias no seio da terra, para irem surpreender as trincheiras inimigas fazendo rebentar abaixo delas piramidais cargas de explosivos. Foi assim que morreu soterrado o general russo Kondratenko, um dos baluartes da defesa czarista em Porto Artur.

Nesta luta podemos afirmar que a guerra de minas subterrâneas não foi usada. Apesar dos quatro anos de carnificina quase que não houve estabilização; o movimento, o movimento contínuo tem sido o principal característico das operações. Movimentos rápidos na Polônia, França, Escandinávia, Balcãs e Grécia, vivos movimentos pendulares na África do Norte e na Rússia.

Assim sendo era natural que as minas terrestres de superfície fossem empregadas em larga escala, com o objetivo de pôr fóra de combate os engenhos moto-mecanizados, responsáveis com a aeronáutica pela grande movimentação nos campos de batalha.

Para colocar um carro de combate fóra da liça não é mistér destruí-lo, basta pará-lo, porque é sabido que carro parado será carro destruído. Para isso torna-se necessário que o campo minado seja batido pelo fogo da defesa, que destroçará qualquer carro que se veja na contingência de parar em pleno ataque. Além disso o fogo da defesa não permitirá que o inimigo neutralise as minas anti-tanque impunemente.

As minas anti-carro são de variegados aspectos: umas são cilíndricas, outras retangulares; umas feitas de chapas de ferro, outras de folha de metal ou mesmo de madeira. Os alemães empregaram muito a TELLERMINE com quase cinco quilogramas de explosivo e uma alça que facilita o transporte. Qualquer pressão sobre a tampa será suficiente para fazê-la funcionar. Os ingleses empregaram muito as "panquecas" ou minas MARK IV, com 3,630 kg de explosivo da classe do trinitrotolueno. Os nipões costumam aproveitar as latas de conservas para fazerem suas minas.

Geralmente as minas funcionam por pressão, mas há algumas que disparam por tração. Ficam seus detonadores presos a uma rede de arame por exemplo, o tanque ao esbarrar no arame provoca a detonação.

Um conjunto de minas, barrando a progressão inimiga numa determinada frente, constitue o que se chama um *campo minado*.

As minas são transportadas em caminhões, dos quais as tropas encarregadas da defesa as retiram e colocam nas proximidades dos buracos que já haviam feito.

O enterramento da mina é função dos sapadores especializados. Depois dum campo minado concluído há necessidade de disfarçá-lo convenientemente.

A densidade dum campo minado americano é de uma mina e meia por metro, assim, numa frente de dez quilômetros, serão necessárias 15.000 minas. Mas como não se utiliza uma só fileira e sim geralmente cinco, separadas uma da outra de cerca de três metros, precisaremos de 75.000 minas. Arbi-

trando-se um peso médio de 5 kg a cada uma, teríamos 375.000 kg ou 375 toneladas a transportar.

Quantos veículos seriam necessários ?

E quantos sapadores para enterrá-las ?

Quanto tempo dispendido no trabalho ?

São múltiplos os problemas a resolver no estabelecimento dum campo minado, destinado a fazer o inimigo sustar seu movimento, reajustar seu dispositivo para romper o obstáculo, perdendo em tudo isso o tempo que, em certas ocasiões, é o trunfo da vitória.

Vamos lançar mão de um caso concreto para fixarmos bem as idéias. O General Ritchie, quando no comando em que se imortalizou Montgomery, a frente do 8.º Exército inglês, na linha Gazala — Bir Hacheim com 60 quilômetros de extensão, empregou cerca de mil toneladas de minas. Sabe-se que para cem toneladas são necessários trinta caminhões pesados para o transporte e 250 homens para enterrá-las em duas horas. No caso concreto que estamos focalizando êstes números foram multiplicados por dez e os tudescos romperam o obstáculo em poucos dias.

Um dos processos empregados para neutralizar o campo minado é a artilharia. Uma barragem de fogos de artilharia precede as vagas de tanques, fazendo as minas explodirem. Os alemães, em junho de 1942, no ataque a Tobruk, tornaram inúteis os campos minados ingleses com o emprego de bombardeiros de mergulho que lançavam suas bombas para arreban-tar as minas.

Quando já se está fóra da ação do fogo inimigo, a limpeza do campo minado se faz com mais segurança. Duas faixas de pano branco delimitam o espaço pelo qual vão passar as nossas forças. Os sapadores, com a baioneta ou com os detectores magnéticos, começam a procurar as minas que são colocadas em quincôncio e à flôr da terra, ligeiramente camufladas.

Toda a vez que o detetor passã por cima duma mina com envólucro metálico varia seu campo magnético e a agulha

dum galvanômetro regista o acontecimento. Alguns detetores são munidos de fones e toda vez que o seu campo magnético é influenciado pela presença duma mina, o fone produz um ruído característico. Para evitar isso, os beligerantes já estão empregando materiais diamagnéticos, como a madeira, a baquelite, etc.

Descoberto o local da mina, o sapador deve, com muito cuidado, retirar a espoleta, verificando: se a mina está ativada, se há algum "booby trap" (armadilha para tolos) que a faça arrebentar justamente no momento de ser desenterrada. Na Africa, os alemães ligaram, por vezes, os cadáveres inimigos às minas anti-tanques, de modo que, quando os ingleses iam suspender os corpos, provocavam a detonação.

A mina não é apenas um elemento defensivo, ela também está sendo empregada na ofensiva, principalmente pelos russos, que, à medida que avançam, desenterram suas minas, colocam-nas sobre caminhões e vão empregá-las mais adiante na defesa dum flanco por ocasião da progressão das tropas de vanguarda.

De todos os obstáculos que obrigam os tanques a parar no campo de batalha, somente a mina anti-tanque goza desta característica inconfundível — a mobilidade. Pode acompanhar a tropa no seu movimento para frente, para fazer o inimigo perder tempo, assim que sentir-se com força de contra-atacar.

A mina anti-tanque e o emprego da defensiva em profundidade foram os principais meios utilizados para derruir o esplendor das "panzers" que se notabilizaram nas "blitzkrieg" famosas de 1939 e 1940.

Constando as minas de um simples envólucro, contendo uma carga de explosivo e um detonador, fácil será a sua fabricação no Brasil.

E assim, em qualquer momento, teremos o material suficiente para montar campos minados, diante dos quais os tanques inimigos sofrerão o castigo das nossas barragens de fogo.